**Globalização é economia? É governança? É poder? Ou é sociedade, humanidade, direitos humanos?**

Semana 3 do *syllabus*:

T.N. Srinivasa

http://www-siepr.stanford.edu/Papers/briefs/policyb

rief\_dec02.pdf

Chanda, “Runaway Globalization Without Governance”

http://www.globalpolicy.org/images/pdfs/runawayGlob

alization.pdf

Globalização = natureza? Só depois de ocorrer sem intenções (limitações) pode ser moralmente avaliada? Boa ou má? E isso não altera a sua natureza nem o seu percurso?

1. Alheamento teoricamente produzido da natureza humana, isto é, da natureza social da desigualdade humana
2. A espécie humana é – do ponto de vista estritamente genético – a mais semelhante e distinta: não inclui raças;
3. Se fosse possível existir a espécie fora das sociedades humanas não haveria identidades – pois todos seriam filhos de todos, conforme mostra a matemática;
4. A sociedade, nomeadamente a construção de identidades (atribuição de nomes e respectivas conotações e solidariedades associadas), é indispensável à sobrevivência dos humanos, dadas as suas características altamente frágeis, em particular no que toca ao desenvolvimento de crianças;
5. A sociedade produziu mundos virtuais – religiosos, escritos, internet – e mundos tecnológicos – para a caça, agricultura e guerra, por exemplo – que se tornam autónomos da própria sociedade;
6. A sociologia desenvolveu-se num quadro de divisão de trabalho científico (ou pré-científico, como são as ciências sociais) que abstraiu da existência intensamente misturada entre a sociedade “pura” e as tecnologias (Latour), a violência (Giddens, Wiewiorka), a guerra e o crime, abandonados às relações internacionais e à criminologia, e as intenções, estigmatizadas através da síndrome intelectual de “teoria da conspiração” e da repugnância ao direito e à teologia;
7. Portanto: as desigualdades humanas são produzidas socialmente, são parte do sistema de sobrevivência da humanidade, cujas consequências actuais são de crescente desigualdade (incluindo mortes e fome evitáveis produzidas politicamente a nível nacional e a nível internacional). E, na modernidade, só foram de igualização num curto período no pós-guerra, na Europa destruída (Therborn).
8. Obscuridade da análise dimensional em ciências sociais e sobretudo na teoria social
9. Dimensões de análise dominante explicam como globalização é um fenómeno natural da economia a que as sociedades se terão de adaptar;
10. Isso ocorre num quadro de privilégio excessivo da teoria social na análise de “recursos”, ignorando as dimensões “vitais” e “existenciais” (Therborn). Isto é, privilegiando uma ponte com a economia e estigmatizando as pontes com a biologia e com a procura moral do sentido da vida (direito, teologia e ciências normativas em geral);
11. Giddens (1985) propor “actualizar” as dimensões de análise social (capitalismo, industrialismo, guerra e controlo social) sem consequências.
12. A actualização da teoria social passa por actos de vontade e independência face à narrativa dominante: nomeadamente construindo uma teoria social não economicista, aberta à biologia (dimensão “vitalidade” ou “afiliações”) e à normatividade (dimensão “existencial” ou “desenvolvimento”), com um poder de impacto na terceira dimensão (dimensão “recursos” ou “poder”) a considerar em cada análise concreta, que nunca poderá ser a simples não referência alegando delimitação do objecto de estudo.